

## 11. À MARGEM DA FERROVIA. NILDA, A DONA DA CASA

Nos primeiros anos do curso médico e mesmo ainda morando no NEC, passei, a almoçar no restaurante do CEU ou, menos frequentemente, no refeitório da própria Faculdade. A qualidade da alimentação passou a ser muito inferior, mas isso até serviu para que eu estancasse, naquele tempo, a tendência ao sobrepeso, que se iniciara quando eu ainda participava da mesa daqueles estimados parentes. Outro fator favorável à manutenção da minha silhueta era aquela grande movimentação que eu tinha e já descrita anteriormente: de casa para o emprego → aula na Faculdade → almoço → emprego → Faculdade → emprego → casa. Por outro lado, não havia a pausa pós-prandial, pela necessidade que eu tinha de chegar, o mais cedo possível, à repartição e, lá, realizar minhas tarefas, antes do retorno à aula.

Em agosto de 1966, por minha recomendação, mamãe e Nilda se mudaram para Fortaleza (Avenida José Bastos, número 67, Jacarecanga). Moraram lá, também, em períodos não necessariamente coincidentes, alguns parentes: **Charles**, filho da prima **Stela** e os sobrinhos **Aurinete** (da Anésia e do Francy) e **Sivaldo** (da Maria e do Fausto). Com mamãe e Nilda, voltei a me sentir, depois de doze anos, na minha própria casa, embora tenha sido bem tratado e tido ótimas vivências naquelas várias moradias por onde passei antes, depois que deixara a Nova Morada. Mamãe, mesmo fatigada pela sua lida diária e já com mais de setenta anos, continuava firme, nas atribuições domésticas.

A chefe daquela casa, entretanto, passou, sem dúvida, a ser a **Nilda**.



Mamãe e Nilda (4)

É certo que eu, felizmente, lograva prover a maior parte do que era necessário para a manutenção da casa, mas Nilda dava uma boa ajuda com o que auferia do ganho com suas costuras, mesmo cobrando sempre menos do que merecia. A importância dela, naquela gestão doméstica, cresceu substancialmente quando me ausentei, inicialmente para cumprir a Residência Médica, no Rio de Janeiro, no início de 1970, por dois anos e, depois, quando me casei. Ademais, mamãe, pelo peso dos anos e o surgimento de problemas de saúde, ficaria cada vez mais frágil e aumentaria a sua dependência daquela zelosa filha. Naqueles anos, não tínhamos, ainda, aparelho de TV e éramos assíduos *televizinhos* de **Teresinha Cerqueira** pessoa da nossa grande amizade. Em preto e branco, nos deleitávamos com bons programas, principalmente os das emissoras do Rio de Janeiro e de São Paulo (**Flávio Cavalcante, Blota Júnior, J. Silvestre, festivais de música popular da TV Record e outros**). Àquela altura, portanto, a frequência às salas de cinema já vinha caindo.

Anos depois, quando sólida atividade profissional eu já galgara, Nilda e mamãe se mudaram para um apartamento, que adquiri na Rua Professor Carvalho, bairro de Joaquim Távora, onde morariam alguns anos, até que, passados outros tantos, conseguimos adquirir uma residência própria para Nilda e mamãe, localizada na Rua Nogueira Acioli, bem próximo à Avenida Heráclito Graça e do centro da cidade. Lá, mamãe passaria o restante da sua vida terrestre, cuidada, diuturnamente por Nilda.

Eu e Luiz, principalmente, com a solidariedade das outras irmãs, sobrinhas, netos e netas, continuaríamos a apoiar a valorosa Nilda, com o máximo da nossa vontade, naquela ingente e louvável ação.